

# EXPOSIÇÃO A AMBIENTES ABUSIVOS E DE SUPORTE E EMPATIA EM ADOLESCENTES PORTUGUESES

Daniela Mariana Carvalho Martins <sup>1</sup>, Alice Margarida Simões , &  
Inês Carvalho Relva<sup>2</sup> 

*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.*

---

## RESUMO

A presente investigação tem como objetivos analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia; explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em função de variáveis sociodemográficas (sexo, idade dos adolescentes e se tem ou não irmãos). A amostra foi constituída por 728 adolescentes portugueses com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos. Na recolha dos dados, procedeu-se à aplicação do inventário *Versão Breve da Escala Básica de Empatia* (BES-A), da *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory* (EASE-PI) e um questionário sociodemográfico. Os principais resultados permitem perceber que a exposição a ambientes de suporte relaciona-se com a empatia cognitiva, e por outro lado, a exposição a ambientes abusivos estabelece ligação com a empatia afetiva.

## Palavras Chave

adolescência; comportamentos abusivos; comportamentos de suporte; empatia; EASE-PI; BES-A

## ABSTRACT

The present investigation aims to analyze an association between exposure to abusive and supportive environments and empathy; explore how differences between exposures in abusive and supportive environments and empathy in terms of sociodemographic variables (gender, age of adolescents and whether or not they have siblings). A sample was altered by 728 Portuguese adolescents aged between 12 and 20 years. In the data collection, the Brief Version of the Basic Empathy Scale (BES-A) inventory, exposure to abusive environments and support to the parents' inventory (EASE-PI) and a sociodemographic questionnaire were applied. The main results allow us to realize that exposure to supportive environments is related to cognitive empathy, and on the other hand, exposure to abusive environments establishes a connection with affective empathy.

## Keywords

adolescence; abusive behaviors; supportive behaviors; empathy; EASE-PI; BES-A

---

<sup>1</sup> Correspondence about this article should be addressed to **Daniela Mariana Carvalho Martins**: [mariana\\_cmartins\\_95@hotmail.com](mailto:mariana_cmartins_95@hotmail.com)

<sup>2</sup> Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano, Vila Real, Portugal.

## EXPOSURE TO ABUSIVE AND SUPPORTING ENVIRONMENTS AND EMPATHY IN PORTUGUESE ADOLESCENTS

### **Introdução**

Sabe-se que muitos adolescentes, têm uma vida pautada por situações abusivas e/ou de negligência, possuindo relações interpessoais de desvalorização, que ameaçam a sua integridade física e psicológica e a sua dignidade enquanto pessoas. Os contextos em que estas se inserem são imprevisíveis, muitas vezes instáveis, colocando em risco o seu bem-estar, o seu desenvolvimento, autonomia e, por vezes, a própria vida (Alberto, 2014).

Atualmente, sabe-se que os maus-tratos em crianças e jovens são compreendidos como uma problemática de saúde pública a nível mundial. O maltrato infantil é considerado como qualquer ato de abuso e negligência que ocorra numa criança menor de 18 anos, incluindo todos os tipos de violência física e/ou emocional, abuso sexual, negligência e exploração comercial, resultando num potencial dano para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança. Estes podem ocorrer em diversos contextos, tais como: o familiar, o institucional e o social (Magalhães, 2002).

Algumas das consequências dos maus-tratos são o desenvolvimento de um padrão de vinculação desorganizado, défices no desenvolvimento intelectual, cognitivo, social, físico e sexual, dificuldades na regulação emocional, problemas interpessoais em contexto escolar e familiar, sintomas dissociativos, baixa autoestima, suicídio e desenvolvimento de perturbações psicológicas, quer na infância, quer na idade adulta (Burge, 2007).

Em sentido oposto, acresce a necessidade de apresentar os fatores de proteção/ambientes de suporte, de forma a minimizar os fatores de risco. Assim, designam-se como fatores protetores, aqueles que protegem a criança contra a perpetuação do abuso, reduzindo e eliminando a exposição aos fatores de risco, aumentando a sua resistência aos mesmos. Segundo Leça et al. (2011), os fatores de proteção constituem, deste modo, uma “arma” poderosa na tentativa de controlar, evitar, equilibrar ou até mesmo anular os fatores de risco existentes. Neste conjunto de fatores protetores encontram-se incluídas variáveis biopsicossociais que dizem respeito à criança ou jovem, à sua família /representantes, e aos seus contextos de vida.

Um desenvolvimento familiar e social saudável da criança/jovem, com desejos de autonomia e comportamentos exploratórios, uma personalidade mais extrovertida e

amigável, uma autoestima alta, e um bom sucesso escolar, são alguns exemplos de fatores protetores relativamente às características das crianças e jovens (Marin et al., 2013).

No que diz respeito à variável família, é importante que a criança/jovem mantenha uma vinculação segura com a família ou adultos de referência, uma vez que esta promove uma estrutura de suporte. Uma estrutura familiar com regras, num ambiente positivo com bons modelos de referência fornece à criança/jovem um suporte necessário para o seu desenvolvimento integral, sendo considerados fatores protetores, assim como, quando estes modelos de referência têm o conhecimento das suas competências parentais e mantêm competências interpessoais adequadas (Mondin, 2017).

Por outro lado, práticas negativas, como castigos corporais e negligência, estão associados à menor competência emocional e social no decorrer da trajetória desenvolvimental (Schmidt, Staudt, & Wagner, 2016).

Concluindo, todos estes fatores referidos acima, não se encontram diretamente relacionados com a perpetração ou não do abuso uma vez que cada caso deve ser analisado e interpretado de forma única e singular. Contudo é necessário ter em conta que para muitos autores, a família é o fator mais importante, podendo esta ser identificada como fator de risco ou como fator de proteção, dependendo do estilo parental utilizado (Marin et al., 2013).

### ***Empatia: Compreensão do construto***

O conceito de empatia pressupõe a capacidade de projeção e imitação do que é transmitido pelo outro. O processo de empatia pode ser entendido, “não só como puramente relacionado com o reconhecimento e partilha de emoções do outro, mas principalmente como algo dependente da capacidade em compreender a sua reação emocional, em consonância com o contexto” (Goldstein & Michaels, 1985, p.8).

No âmbito dos processos desenvolvimentistas, o ambiente desempenha um papel crucial. Como tal, torna-se importante entender a empatia como uma competência social, que cresce em interação com os outros. Numa perspetiva sequencial, o processo de empatia pode ser entendido em função de traços afetivos, cognitivos e comunicativos. Deste modo, numa primeira fase está implícito o processo de perceção do estado emocional e pensamentos da outra pessoa, através de pistas de comportamento observável. Numa segunda fase, esta perceção conduz a respostas cognitivas e afetivas no observador, geradas pela capacidade em se colocar no lugar do outro. Desta forma, é

necessário que posteriormente exista uma fase de “separação/distanciamento”, que lhe permita diferenciar os sentimentos e pensamentos do observador em relação aos experienciados pela outra pessoa (Pires & Roazzi, 2016). A literatura defende que a empatia está relacionada com diversas variáveis cognitivas e afetivas da formação do ser humano. Deste modo, o conceito de empatia pode ser compreendido segundo dois constructos diferentes: empatia cognitiva e empatia afetiva. A empatia cognitiva corresponde ao reconhecimento emocional e à compreensão da subjetividade dos outros (Blair, 2005), enquanto que a empatia afetiva é caracterizada por meio da predisposição para experimentar sentimentos de compaixão e preocupação com o bem-estar dos outros (Hoffman, 2000; Motta, Falcone, Clark, & Manhães, 2006). Como tal, a empatia cognitiva traduz-se na compreensão e a empatia afetiva na responsividade emocional.

Como exposto anteriormente, a empatia está relacionada com variáveis cognitivas e afetivas do desenvolvimento do ser humano e tem funções adaptativas, como proporcionar a aceitação dos pares (Warden & Mackinnon, 2003), o ajustamento social (Crick, 1996; Strayer, 1992), o desempenho académico e a saúde mental (Beyers & Loeber, 2003), tornando-se numa variável fundamental para o desenvolvimento sociocognitivo infantil. Segundo Thompson (1992), a capacidade de relacionamento e entendimento do outro vai progredindo ao longo de todo o ciclo vital.

O papel dos pais é determinante no desenvolvimento da empatia, pois é nas interações entre pais e filhos que as crianças aprendem a expressar e interpretar emoções, influenciando o seu desenvolvimento emocional. Os cuidadores fornecem estímulos emocionais nos momentos apropriados, reforçando e incentivando demonstrações emocionais e respondendo às mudanças das expressões da criança (Pires & Roazzi, 2016).

As variáveis ambientais que se relacionam a um contexto que ofereça à criança uma variedade de oportunidades para experimentar e expressar diferentes emoções, favorecem o desenvolvimento da empatia. Deste modo, as práticas educativas adotadas pelos pais ou cuidadores tanto podem favorecer como prejudicar o potencial empático das crianças (Comodo, Del Prette, & Del Prette, 2017).

Sendo a adolescência um período acompanhado por diversas mudanças, é de considerar o impacto que as mesmas podem ter no desenvolvimento da capacidade empática. As oportunidades de interação social do indivíduo ampliam-se, pelo que a empatia pode constituir-se como um importante impulsionador destas relações e do seu impacto positivo no desenvolvimento do adolescente (Anastácio & Lima, 2017).

Mediante a revisão da literatura focada no desenvolvimento da função empática ao longo da adolescência, é possível perceber como transversais, determinadas diferenças entre a empatia cognitiva e afetiva. A transição para a puberdade amplia ainda mais as diferenças entre rapazes e raparigas (Lam, Solmeyer, & McHale, 2012), sugerindo que esta fase pode ser um período importante para o desenvolvimento da empatia. De facto, segundo alguns autores a empatia atinge o seu pico de desenvolvimento durante a fase final da adolescência (Hoffman, 1987). As diferenças entre os sexos parecem ser estáveis ao longo do ciclo de vida (Michalska, Kinzler, & Decety, 2013), com o sexo feminino a demonstrar consistentemente níveis de empatia mais altos, evidenciando-se também que quem demonstra precocemente níveis mais elevados de empatia tende a mantê-los ao longo da vida (Eisenberg et al., 1999). Os estudos tendem a apontar para o aumento da capacidade de reconhecimento emocional ao longo da adolescência, ao nível da empatia cognitiva (Herba, Landau, Russel, Ecker, & Philips, 2006; Williams et al., 2009; Schwenck et al., 2012). Por outro lado, no que diz respeito à empatia afetiva, não existem evidências consistentes da sua evolução ao longo da idade (Hoffman, 2000; Van der Graff et al., 2013; Schwenck et al., 2012).

### ***A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte e Empatia***

A família surge como o sistema mais importante no desenvolvimento das crianças, pois é o primeiro intermediário que existe entre a criança e o mundo exterior. O contexto familiar é o primeiro que providencia as condições que podem potencializar o desenvolvimento de empatia e de outras competências do indivíduo (Anastácio & Lima, 2017; Assunção & Matos, 2010).

As relações fraternas são únicas e muito relevantes na construção do sujeito e do laço social, podendo ser as relações mais longas na vida dos sujeitos, sendo caracterizadas quer por emoções positivas (amizade, solidariedade e apoio), quer por emoções negativas (como ciúme, rivalidade e violência) (Dunn, 2007; Fernandes, 2005; Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007). As experiências relacionais iniciais influenciam, em parte, as relações posteriores dos sujeitos, as famílias onde os irmãos mantêm relações positivas e próximas, tendem mais tarde a estabelecer relações amistosas com a família alargada (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011) e com os outros fora da família. Por outro lado, as famílias caracterizadas pela violência entre o casal estão frequentemente associadas à violência

dos pais para com os filhos, e muitas vezes, ligadas à violência na fratria e a outras formas de violência extrafamiliar (Relva, Fernandes, & Mota, 2012).

Sabe-se que, demonstrações empáticas dos pais influenciam positivamente o filho e que a carência dessa capacidade parental está associada a problemas de regulação emocional e comportamental da criança. Pais empáticos são descritos como tendo em conta os pontos de vista dos filhos, sendo capazes de os compreender e partilhar; contrariamente, pais pouco empáticos estão emocionalmente menos envolvidos e menos predispostos para satisfazer as necessidades dos filhos (Anastácio & Lima, 2017; Feshbach, 1987).

As crianças/jovens vítimas de abuso manifestam um comportamento interpessoal inadequado perante as expressões de mal-estar e sofrimento dos pares: nestas situações, as crianças maltratadas respondem inadequadamente, pois revelam falta de preocupação empática e respondem negativa ou agressivamente ao sofrimento expresso pelo outro; contrariamente ao que acontece com as crianças não maltratadas, que apresentam preocupação empática e tristeza perante o mal-estar dos colegas (Klimes-Dougan & Kistner, 1990). Existem evidências empíricas (e.g., Fernandes, Leme, Elias, & Soares, 2018; Martins et al., 2017) de que o afeto familiar está intrinsecamente relacionado com a empatia, mesmo quando são controladas as variáveis demográficas e psicossociais. As variáveis ambientais que se relacionam com um contexto que ofereça à criança uma variedade de oportunidades para experimentar e expressar diferentes emoções, favorecem o desenvolvimento da empatia. Assim, as práticas educativas adotadas pelos pais ou cuidadores podem favorecer ou prejudicar o potencial empático das crianças (Martins et al., 2017) em função dessas mesmas práticas.

Na sequência do referido anteriormente, e dada a escassez de estudos, sobretudo em Portugal, que explorem as variáveis em causa foram definidos os seguintes objetivos para o presente estudo: (a) analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia; e (b) explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia em função de variáveis sociodemográficas, tais como o sexo, idade dos adolescentes e se tem ou não irmãos.

## Método

### *Participantes*

A amostra foi constituída inicialmente por 839 participantes, sendo que posteriormente foi reduzida para 728 após ter sido efetuada uma limpeza amostral, devido à existência de erros e lacunas no preenchimento dos questionários. Dos 728 participantes, 431 (59.2%) pertenciam ao sexo masculino e 297 (40.8%) pertenciam ao sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e 20 anos (critério de inclusão), com média das idades igual a 15.78 anos ( $DP = 1.934$ ). Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*), sendo este critério utilizado especialmente para fins estatísticos e políticos (Eisenstein, 2005). Perante esta definição e de forma a facilitar a interpretação dos resultados em função da idade, dividiu-se a idade em dois grupos (1º Grupo=12 anos até 15 anos e 2º Grupo=16 anos até 20 anos).

Para evitar a homogeneidade amostral, os participantes foram recrutados em diferentes áreas de ensino, nomeadamente, na área de ensino regular, ensino profissional e cursos CEF. Dos 728 participantes, 213 frequentavam o ensino regular; dois o Curso de educação e formação (CEF) e 513 cursos profissionais. No que respeita ao ano de escolaridade, 53 indivíduos frequentavam o 7º ano de escolaridade, 75 o 8ºano, 83 o 9º ano, 180 o 10º ano, 161 o 11ºano e 176 o 12ºano.

Mais de metade dos participantes tinham irmãos (83.1%) e os restantes (16.9%) não têm irmãos, com uma média igual a 1.23 irmãos ( $DP=1.017$ ).

Os dados foram recolhidos em turmas de diferentes escolas TEIP- Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, sediadas no norte de Portugal. Para a recolha de dada foi solicitada a colaboração de instituições de ensino da região Norte de Portugal, e de seguida, foram entregues aos diretores de turma os consentimentos informados. Os alunos com idades inferiores a 18 anos, fizeram chegar aos respetivos encarregados de educação, os consentimentos informados.

## *Instrumentos*

Após a seleção dos instrumentos de avaliação, descritos em seguida, foi requerido o consentimento aos autores originais dos instrumentos a utilizar. Após o parecer dos autores, procedeu-se à construção do protocolo de investigação, constituído por:

### *Questionário sociodemográfico*

Elaborou-se um questionário de recolha de Informações, nomeadamente sexo, idade, ano de escolaridade, tipo de ensino, número de irmãos, estado civil, escolaridade e profissão dos pais.

### *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory - EASE-PI*

Tem como objetivo analisar a exposição a ambientes abusivos e de suporte, efetuadas pelo pai e mãe (Nicholas & Bieber, 1997). O inventário é aplicado aos filhos e é constituído por 70 itens distribuídos por duas subescalas: a de abuso (emocional, físico e sexual) e a de suporte (Suporte/Amor; Promoção da Independência e Modelagem Positiva), com um formato de resposta de escala de *Likert* em cinco pontos, desde 0 (nunca) a 4 (Sempre). Desta forma, sugere-se que quanto maior a pontuação obtida em cada dimensão, maior é o tipo de abuso perpetrado nas subescalas de abuso, e por outro lado, maior é o suporte obtido nas subescalas de suporte.

No que respeita às propriedades psicométricas, o EASE-PI original, obteve boa consistência interna em todas as subescalas, calculadas a partir do alfa de *Cronbach*, apresentando um nível de .88 na subescala de abuso emocional (CAE), de .91 na de abuso físico (CAF) e .90 na subescala de abuso sexual. Relativamente às subescalas associadas ao suporte, apresenta um nível de alfa de *Cronbach* de .84 na subescala de Amor/Suporte (A/S), .78 na subescala de promoção de independência (PI) e de .87 na subescala de modelagem positiva (MP). Além disso, a sua confiabilidade foi analisada por teste-reteste, mostrando-se bastante estável.

No presente estudo utilizaram-se apenas as subescalas de abuso físico, emocional, e de suporte. A subescala de abuso sexual não foi utilizada por não se enquadrar nos objetivos da presente investigação. Foram assegurados os pressupostos da normalidade, pelo que se procedeu à análise estatística com recurso a testes paramétricos. Para estimar a consistência interna dos instrumentos, foram calculados os valores de *alpha de*

*Cronbach* (Marôco, 2014). Relativamente aos valores da confiabilidade, obteve-se uma boa consistência interna nas diferentes subescalas. As subescalas referentes à mãe, apresentaram alfas de *Cronbach* de .85 na subescala CAE, .78 para a subescala de CAF, .91 para a subescala de A/S, .71 para a subescala de PI, e .72 para a subescala de MP. Relativamente aos valores da confiabilidade, as subescalas referentes ao pai, apresentaram alfas de *Cronbach* de .81 na subescala CAE, .76 para a subescala de CAF, .94 para a subescala de A/S, .72 para a subescala de PI, e .77 para a subescala de MP.

Seguidamente, através do programa estatístico *AMOS* na versão 23.0 foram realizadas Análises Confirmatórias de 1ª ordem, de modo a testar a adequação dos instrumentos utilizados na presente investigação, por intermédio da análise dos índices de ajustamento do modelo, onde o ajustamento dos valores foi confirmado, sendo  $\chi^2(197)=760.274$ ;  $p=.000$ ; *Ratio*=3.859; CFI=.92; GFI=.91; RMR=.116 e RMSEA=.06 para as subescalas referentes à mãe, e de  $\chi^2(196)=778.047$ ;  $p=.000$ ; *Ratio*=3.970; CFI=.93; GFI=.91; RMR=.153 e RMSEA=.06 para as subescalas referentes ao pai.

#### *Versão Breve da Escala Básica de Empatia – BES-A*

Permite avaliar o nível de empatia de adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (Jolliffe & Farrington, 2006; adaptada para a população portuguesa por Pechorro, Ray, Salas-Wright, Marôco, & Goncalves, 2015), (uma vez que a idade dos participantes varia entre 12 e 20 anos de idade, importa referir que este motivo não invalidou a fiabilidade dos resultados, sendo que a idade de 19 e 20 anos, correspondeu apenas a 2 participantes). Este instrumento é constituído por 7 itens, distribuídos por dois fatores – empatia cognitiva (4 itens) e empatia afetiva (3 itens). A resposta a cada um dos itens é dada através de uma escala *Likert* de cinco pontos, de Discordo totalmente a Concordo totalmente. Pontuações mais elevadas indicam níveis de empatia mais elevados. Relativamente às características psicométricas, a escala BES apresenta bons índices de consistência interna para rapazes e raparigas, com alfa de *Cronbach* .79/.77 para a escala total, .79/.75 para a empatia afetiva e .84/.84 para a empatia cognitiva (Pechorro et al., 2015). Foram calculados para a presente amostra os valores de *alpha de Cronbach* (Marôco, 2014), onde se verificou um alfa de *Cronbach* .70 para a escala total, .74 para a empatia afetiva e .60 para a empatia cognitiva (Marôco & Garcia-Marques, 2006).

Seguidamente, através do programa estatístico *AMOS* na versão 23.0 foram realizadas Análises Confirmatórias de 1ª ordem, de modo a testar a adequação dos instrumentos utilizados na presente investigação, por intermédio da análise dos índices de ajustamento do modelo, onde o ajustamento dos valores foi confirmado, sendo  $\chi^2(13) = 44.818$ ;  $p = .000$ ;  $Ratio = 3.448$ ;  $CFI = .97$ ;  $GFI = .98$ ;  $RMR = .033$  e  $RMSEA = .06$ .

### ***Procedimentos***

Inicialmente a presente investigação foi submetida à Comissão de ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, obtendo parecer favorável quanto à sua realização. Os dados foram recolhidos em turmas de diferentes escolas TEIP, sediadas no norte de Portugal. Posteriormente realizou-se um pedido de inquéritos em meio escolar à Direção-Geral de Educação (DGE), tendo aprovação e seguidamente foi pedida a colaboração junto dos diretores dos agrupamentos das instituições, esclarecendo o objetivo da investigação, que de acordo com a idade estipulada nos indicassem as turmas selecionadas para o efeito. Foi entregue o consentimento informado aos encarregados de educação para que estes tomassem conhecimento da investigação e autorizassem os seus educandos a participar no estudo (para os adolescentes que ainda não tinham completado os 18 anos de idade), para os que já tinham, o consentimento foi entregue ao próprio. Por fim, foi calendarizado com os diretores de turma para que se procedesse à aplicação dos questionários. Nos protocolos entregues foi mencionada a garantia de confidencialidade dos dados recolhidos, respeitando os princípios deontológicos de investigação em ciências sociais. O período de recolha da amostra, decorreu ao longo de dois meses (janeiro e fevereiro) do ano 2019. O tempo máximo de aplicação dos instrumentos, não excedeu os 50 minutos.

O horário de administração foi previamente acordado com os professores responsáveis pelas turmas, acontecendo geralmente, antes ou depois do período de lecionação. A todos os participantes, foram esclarecidos os objetivos da investigação no momento anterior ao preenchimento do protocolo. O protocolo foi aplicado pela primeira autora do estudo, cuja ordem dos instrumentos foi a seguinte: questionário sociodemográfico, questionário relativo à exposição a ambientes abusivos e de suporte e, por fim, questionário referente à empatia. Após todos os dados recolhidos, estes foram inseridos numa base de dados para a concretização das devidas análises estatísticas,

recorrendo-se aos *softwares* SPSS (IBM SPSS Statistics, versão 25) e ao AMOS (IBM SPSS AMOS, versão 25).

### ***Estratégias de análise de dados***

A presente investigação apresenta um cariz metodológico quantitativo, transversal e correlacional, uma vez que se pretende verificar a relação entre as variáveis presentes no estudo.

Numa fase inicial, procedeu-se à codificação do protocolo sendo elaborada uma base de dados para posterior análise, com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences - SPSS*, na sua versão 25.0 para o sistema *Windows*.

Numa fase posterior, foi realizada a limpeza da amostra através da identificação de *missings*, de forma a identificar elementos cujas respostas se poderiam distanciar da média, podendo afetar a média e desvio padrão da amostra. Neste sentido, procedeu-se à identificação de *outliers* multivariados (calculando a distância de *Mahalanobis*), que permite usar a média e a variância para cada variável, de modo a identificar os participantes com valores críticos e que se encontram significativamente afastados da média geral da amostra (Field, 2005).

Foram testados os pressupostos da normalidade, procedendo-se à análise da assimetria através dos coeficientes de assimetria (*skeweness*) e achatamento (*kurtosis*), assumindo-se o cumprimento da normalidade, uma vez que os valores compreendiam o intervalo -1 e 1. Foi analisada a informação estatística relativamente ao teste de *Kolmogorov-Smirnov*, particularmente o valor de significância (*p*), os gráficos de Histogramas, os *Q-QPlots* e os *Boxplot* (Marôco, 2007).

Após as análises anteriormente realizadas foram assegurados os pressupostos da normalidade, pelo que se procedeu à análise estatística com recurso a testes paramétricos. Para estimar a consistência interna dos instrumentos, foram calculados os valores de *alpha de Cronbach* (Marôco, 2014).

Seguidamente, através do programa estatístico *AMOS* na versão 23.0 foram realizadas Análises Confirmatórias de 1ª ordem, de modo a testar a adequação dos instrumentos utilizados na presente investigação, por intermédio da análise dos índices de ajustamento do modelo.

Numa fase posterior, procedeu-se à análise estatística dos dados, por meio de uma análise descritiva, envolvendo o cálculo de frequências, médias e desvios padrões das

variáveis em estudo. Após as análises descritivas efetuaram-se as análises correlacionais interescares através  $r$  de *Person* com o objetivo de medir o grau de correlação linear entre as variáveis quantitativas. Estas podem ser positivas ou negativas, e apresentar um grau de associação baixo, moderado ou forte (Pallant, 2005). Para Cohen (1988), a correlação é fraca quando existe uma variação de  $r = .10$  a  $.29$  ou  $r = -.10$  a  $-.29$ ; moderada quando  $r = .30$  a  $.49$  ou  $r = -.30$  a  $-.49$  e forte quando  $r = .50$  a  $1.0$  ou  $r = -.50$  a  $-1.0$ .

Realizaram-se, ainda, análises diferenciais multivariadas (MANOVAS), de modo a avaliar as diferenças significativas entre as variáveis sociodemográficas e os instrumentos. De acordo com Cohen (1988), os valores do eta quadrado podem variar de 0 a 1, sendo que não existe efeito de magnitude, quando o valor é  $< .01$ , o efeito é pequeno quando o valor é  $\geq .01$ , moderado quando é  $> .06$  e forte quando o valor é  $> .14$ .

## Resultados

### *Associação entre as diferentes dimensões do inventário EASE-PI*

Com o objetivo de verificar as associações entre as diferentes dimensões da exposição a ambientes abusivos e de suporte, foram realizadas análises de **correlações interescares** com as respetivas médias e desvios-padrão.

Nas correlações correspondentes ao pai e à mãe (Tabela 1), verificam-se associações negativas e significativas de magnitude forte, entre a dimensão Amor/Suporte (A/S) e o Comportamento Abusivo Emocional (CAE) ( $r = -.574$ ,  $p < .01$  no pai;  $r = -.609$ ,  $p < .01$  na mãe). Verificaram-se ainda associações negativas e significativas de magnitude moderada entre as dimensões Amor/Suporte (A/S) e o Comportamento Abusivo Físico (CAF) ( $r = -.339$ ,  $p < .01$  no pai;  $r = -.458$ ,  $p < .01$  na mãe), entre a Promoção de Independência (PI) e o Comportamento Abusivo Emocional (CAE) ( $r = -.341$ ,  $p < .01$  no pai;  $r = -.397$ ,  $p < .01$  na mãe). Verificaram-se associações negativas e significativas de magnitude fraca entre a Promoção de Independência (PI) e o Comportamento Abusivo Físico (CAF) ( $r = -.261$ ,  $p < .01$  no pai) e por outro lado, associações negativas e significativas de magnitude moderada na mãe ( $r = -.356$ ,  $p < .01$  na mãe). Finalmente, verificaram-se associações negativas e significativas de magnitude moderada entre a Modelagem Positiva (MP) e o Comportamento Abusivo Emocional (CAE) ( $r = -.477$ ,  $p < .01$  no pai;  $r = -.461$ ,  $p < .01$  na mãe), e por último, entre a Modelagem Positiva (MP) e o Comportamento Abusivo Físico (CAF) ( $r = -.311$ ,  $p < .01$  no pai;  $r = -.382$ ,  $p < .01$  na mãe).

Por outro lado, verificaram-se associações positivas e significativas de magnitude forte entre a dimensão Comportamento Abusivo Físico e o Comportamento Abusivo Emocional ( $r = .584, p < .01$  no pai;  $r = .653, p < .01$  na mãe), associações positivas e significativas de magnitude moderada entre a Promoção de Independência e o Amor/Suporte ( $r = .478, p < .01$ ) no pai, e por outro lado de magnitude forte ( $r = .525, p < .01$ ) na mãe. Verificaram-se ainda, associações positivas e significativas de magnitude forte entre a Modelagem Positiva e o Amor/Suporte ( $r = .800, p < .01$  no pai;  $r = .755, p < .01$  na mãe), e por último, associações positivas e significativas de magnitude moderada entre a Modelagem Positiva e a Promoção de Independência ( $r = .483, p < .01$  no pai;  $r = .491, p < .01$  na mãe).

Tabela 1.

Correlações entre as dimensões do EASE-PI para o Pai e Mãe, média e desvio-padrão ( $N=728$ )

|                                         | Pai           |               |               |               |       | Mãe           |               |               |               |       |
|-----------------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|-------|---------------|---------------|---------------|---------------|-------|
|                                         | CAE           | CAF           | AS            | PI            | MP    | CAE           | CAF           | AS            | PI            | MP    |
| Comportamento Abusivo Emocional 1 (CAE) |               |               |               |               |       | 1             |               |               |               |       |
| Comportamento Abusivo Físico (CAF)      | <b>.584**</b> | 1             |               |               |       | <b>.653**</b> | 1             |               |               |       |
| Amor/Suporte (AS)                       | -             | -             | 1             |               |       | -             | -             | 1             |               |       |
| Promoção de Independência (PI)          | <b>.574**</b> | <b>.339**</b> | <b>.478**</b> | 1             |       | <b>.609**</b> | <b>.458**</b> | <b>.525**</b> | 1             |       |
| Modelagem Positiva (MP)                 | <b>.341**</b> | <b>.261**</b> | <b>.800**</b> | <b>.483**</b> | 1     | <b>.397**</b> | <b>.356**</b> | <b>.755**</b> | <b>.491**</b> | 1     |
| <i>M</i>                                | 24.81         | 15.50         | 68.33         | 23.82         | 25.46 | 25.08         | 16.33         | 71.74         | 24.03         | 26.26 |
| <i>DP</i>                               | 6.74          | 3.65          | 12.24         | 4.47          | 4.16  | 7.49          | 4.33          | 9.44          | 4.26          | 3.49  |

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ . Os negritos representam correlações significativas.

### Associação entre as diferentes dimensões do EASE-PI e do BES-A

Com o objetivo de verificar as associações entre as diferentes dimensões do EASE-PI e as diferentes dimensões de empatia, foram realizadas análises de **correlações entre as dimensões**.

Nas correlações correspondentes ao pai, verificam-se associações positivas e significativas, entre a dimensão Amor/Suporte e a BES-A Cognitiva ( $r = -.090, p < .05$ ), entre a Promoção de Independência e a BES-A Cognitiva ( $r = .085, p < .05$ ), entre a Modelagem Positiva e a BES-A Cognitiva ( $r = .156, p < .01$ ), entre o Comportamento Abusivo Emocional e a BES-A Afetiva ( $r = .085, p < .05$ ), entre o Comportamento Abusivo Físico e a BES-A Afetiva ( $r = .086, p < .05$ ).

Nas correlações correspondentes à mãe, verificam-se associações positivas e significativas, entre a dimensão Amor/Suporte e a BES-A Cognitiva ( $r=.115, p < .01$ ), entre a Modelagem Positiva e a BES-A Cognitiva ( $r=.182, p<.01$ ), entre o Comportamento Abusivo Emocional e a BES-A Afetiva ( $r=.082, p<.05$ ), e por último, entre o Comportamento Abusivo Físico e a BES-A Afetiva ( $r=.093, p<.05$ ).

Tabela 2.

*Correlações entre as dimensões do EASE-PI e BES-A, média e desvio-padrão (N=728)*

|                 | Pai          |              |              |              |               | <i>M</i> ±<br><i>DP</i> | Mãe          |              |              |       |              | <i>M</i> ±<br><i>DP</i> |
|-----------------|--------------|--------------|--------------|--------------|---------------|-------------------------|--------------|--------------|--------------|-------|--------------|-------------------------|
|                 | CAE          | CAF          | AS           | PI           | MP            |                         | CAE          | CAF          | AS           | PI    | MP           |                         |
| BES-A Afetiva   | <b>.085*</b> | <b>.086*</b> | -.018        | -.055        | .010          | 9.09<br>±2.7<br>90      | <b>.082*</b> | <b>.093*</b> | -.004        | -.035 | .017         | 9.09<br>±2.7<br>90      |
| BES-A Cognitiva | .005         | -.057        | <b>.090*</b> | <b>.085*</b> | <b>.156**</b> | 16.6<br>2±2.<br>112     | .035         | -.004        | <b>.115*</b> | .071  | <b>.182*</b> | 16.6<br>2±2.<br>112     |
| <i>M</i>        | 24.81        | 15.50        | 68.33        | 23.82        | 25.4<br>6     |                         | 25.08        | 16.33        | 71.74        | 24.03 | 26.26        |                         |
| <i>DP</i>       | 6.737        | 3.645        | 12.24<br>2   | 4.470        | 4.16<br>4     |                         | 7.486        | 4.334        | 9.444        | 4.259 | 3.490        |                         |

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ . Os negritos representam correlações significativas.

***Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função do sexo***

Para perceber os determinantes da exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia quanto ao sexo, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado,  $F_{(12,714)} = 6.936, p = .000, \eta^2_p = .105$ , Wilks -  $\lambda = .895, PO = 1.000$ . Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino, sendo o efeito de magnitude moderado e o poder observado elevado.

Conforme é possível verificar na tabela 3, apenas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino, na dimensão comportamento abusivo físico, tanto na mãe como no pai, da EASE-PI apresentando, [ $F_{(1,725)} = 9.051; p = .003; \eta^2_p = .012$  na mãe;  $F_{(1,725)} = 32.114; p = .000; \eta^2_p = .042$  no pai], sendo que o sexo masculino ( $M = 16.70; DP = 4.465$ , na mãe;  $M = 16.11; DP = 4.142$  no pai), apresenta uma média superior, comparativamente ao sexo feminino ( $M = 15.80; DP = 4.084$ , na mãe;  $M = 14.62; DP = 2.527$  no pai). Também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão “Cognitiva” da BES-A, verificando-se [ $F_{(1,725)} = 23.216; p = .000; \eta^2_p = .031$ ], sendo que o sexo masculino ( $M = 16.32; DP = 2.117$ ), apresenta uma média superior, comparativamente ao sexo feminino ( $M = 17.06; DP = 2.028$ ).

Tabela 3.

Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A em função do sexo

|                 | Sexo | Sexo                 |                     | p           | Sentido da significância | $\eta_p^2$ | PO    |
|-----------------|------|----------------------|---------------------|-------------|--------------------------|------------|-------|
|                 |      | Masculino(M)<br>M±DP | Feminino(F)<br>M±DP |             |                          |            |       |
| CAF             | Mãe  | 16.70±4.465          | 15.80±4.084         | <b>.003</b> | M>F                      | .012       | .852  |
|                 | Pai  | 16.11±4.142          | 14.62±2.527         | <b>.000</b> | M>F                      | .042       | 1.000 |
| BES-A Cognitiva |      | 16.32±2.117          | 17.06±2.028         | <b>.000</b> | M<F                      | .031       | .998  |

Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

**Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função da idade**

Para perceber os determinantes da exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia quanto à idade, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado,  $F_{(12,714)} = 5.761, p = .000, \eta_p^2 = .088, Wilks - \lambda = .912, PO = 1.000$ . Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos e os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos, sendo o efeito de magnitude moderado e o poder observado elevado.

Através da tabela 4 é possível observar que existem diferenças significativas na variável comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe e pelo pai, [ $F_{(1,725)} = 6.768; p = .009; \eta_p^2 = .009$  na mãe;  $F_{(1,725)} = 14.199; p = .000; \eta_p^2 = .019$  no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ( $M = 24.03; DP = 7.196$  na mãe;  $M = 23.54; DP = 5.809$  no pai), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ( $M = 25.76; DP = 7.601$  na mãe;  $M = 25.65; DP = 7.168$  no pai); na variável comportamento abusivo físico, tanto no pai como na mãe, [ $F_{(1,725)} = 17.728; p = .000; \eta_p^2 = .024$  na mãe;  $F_{(1,725)} = 12.603; p = .000; \eta_p^2 = .017$  no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ( $M = 15.44; DP = 3.828$ , na mãe;  $M = 14.89; DP = 2.683$  no pai), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ( $M = 16.92; DP = 4.546$ , na mãe;  $M = 15.91; DP = 4.111$  no pai); na variável amor/suporte, tanto no pai como na mãe, [ $F_{(1,725)} = 32.540; p = .000; \eta_p^2 = .043$  na mãe;  $F_{(1,725)} = 42.349; p = .000; \eta_p^2 = .055$  no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ( $M = 74.30; DP = 8.430$ , na mãe;  $M = 72.07; DP = 10.386$  no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ( $M = 70.05; DP = 9.700$ , na mãe;  $M = 65.87; DP = 12.751$  no pai); na variável promoção de independência, tanto no pai como

na mãe, [ $F_{(1,725)} = 7.869$ ;  $p = .005$ ;  $\eta_p^2 = .011$  na mãe;  $F_{(1,725)} = 9.773$ ;  $p = .002$ ;  $\eta_p^2 = .013$  no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ( $M = 24.65$ ;  $DP = 4.262$ , na mãe;  $M = 24.51$ ;  $DP = 4.126$  no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ( $M = 23.63$ ;  $DP = 4.632$ , na mãe;  $M = 23.36$ ;  $DP = 4.632$  no pai); na variável modelagem positiva, tanto no pai como na mãe, [ $F_{(1,725)} = 32.492$ ;  $p = .000$ ;  $\eta_p^2 = .043$  na mãe;  $F_{(1,725)} = 35.588$ ;  $p = .000$ ;  $\eta_p^2 = .047$  no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ( $M = 27.18$ ;  $DP = 3.175$ , na mãe;  $M = 26.61$ ;  $DP = 3.586$  no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ( $M = 25.65$ ;  $DP = 3.556$ , na mãe;  $M = 24.70$ ;  $DP = 4.345$  no pai), e por último na variável “Cognitiva” da BES-A, verificando-se [ $F_{(1,725)} = 10.025$ ;  $p = .002$ ;  $\eta_p^2 = .014$ ], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ( $M = 16.94$ ;  $DP = 2.245$ ), apresentam uma média superior, comparativamente aos adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ( $M = 16.42$ ;  $DP = 1.996$ ).

Tabela 4

*Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A em função da idade*

|                 |     | Idade                           |                                 | p           | Sentido da significância | $\eta_p^2$ | PO    |
|-----------------|-----|---------------------------------|---------------------------------|-------------|--------------------------|------------|-------|
|                 |     | 12 Anos até 15 Anos (1)<br>M±DP | 16 Anos até 20 Anos (2)<br>M±DP |             |                          |            |       |
| CAE             | Mãe | 24.03±7.196                     | 25.76±7.601                     | <b>.009</b> | 1<2                      | .009       | .738  |
|                 | Pai | 23.54±5.809                     | 25.65±7.168                     | <b>.000</b> | 1<2                      | .019       | .964  |
| CAF             | Mãe | 15.44±3.828                     | 16.92±4.546                     | <b>.000</b> | 1<2                      | .024       | .988  |
|                 | Pai | 14.89±2.683                     | 15.91±4.111                     | <b>.000</b> | 1<2                      | .017       | .944  |
| A/S             | Mãe | 74.30±8.430                     | 70.05±9.700                     | <b>.000</b> | 1>2                      | .043       | 1.000 |
|                 | Pai | 72.07±10.386                    | 65.87±12.751                    | <b>.000</b> | 1>2                      | .055       | 1.000 |
| PI              | Mãe | 24.65±4.262                     | 23.63±4.213                     | <b>.005</b> | 1>2                      | .011       | .800  |
|                 | Pai | 24.51±4.126                     | 23.36±4.632                     | <b>.002</b> | 1>2                      | .013       | .877  |
| MP              | Mãe | 27.18±3.175                     | 25.65±3.556                     | <b>.000</b> | 1>2                      | .043       | 1.000 |
|                 | Pai | 26.61±3.586                     | 24.70±4.344                     | <b>.000</b> | 1>2                      | .047       | 1.000 |
| BES-A Cognitiva |     | 16.94±2.245                     | 16.42±1.996                     | <b>.002</b> | 1>2                      | .014       | .885  |

Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

## Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função de ter ou não irmãos

Para explorar as diferenças da exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em função do de ter ou não irmãos, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado,  $F_{(12,714)} = 2.246$ ,  $p = .009$ ,  $\eta_p^2 = .036$ , Wilks -  $\lambda = .964$ ,  $PO = .956$ . Como  $p < .05$  verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os jovens que têm irmãos e os que não têm, sendo o efeito de magnitude elevado, bem como o poder observado.

Perante a análise da tabela 5, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na variável comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe, [ $F_{(1,725)} = 6.339$ ;  $p = .012$ ;  $\eta_p^2 = .009$ ], sendo que os adolescentes que têm irmãos ( $M = 25.40$ ;  $DP = 7.796$ ), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que não têm irmãos ( $M = 23.50$ ;  $DP = 5.478$ ), e na variável amor/suporte, exercido pela mãe e pelo pai, [ $F_{(1,725)} = 7.984$ ;  $p = .005$ ;  $\eta_p^2 = .011$ , na mãe;  $F_{(1,725)} = 9.621$ ;  $p = .002$ ;  $\eta_p^2 = .013$ , no pai] sendo que os adolescentes que têm irmãos ( $M = 71.30$ ;  $DP = 9.719$  na mãe;  $M = 67.69$ ;  $DP = 12.544$  no pai) apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes que não têm irmãos ( $M = 73.89$ ;  $DP = 7.627$  na mãe;  $M = 71.48$ ;  $DP = 10.105$  no pai).

Tabela 5

Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A, em função de ter ou não irmãos

|     |     | Irmãos          |                 | p           | Sentido da significância | $\eta_p^2$ | PO   |
|-----|-----|-----------------|-----------------|-------------|--------------------------|------------|------|
|     |     | Sim (1)<br>M±DP | Não (2)<br>M±DP |             |                          |            |      |
| CAE | Mãe | 25.40±7.796     | 23.50±5.478     | <b>.012</b> | 1<2                      | .009       | .716 |
|     | Pai | 24.99±6.919     | 23.90±5.694     | .094        | n.s.                     | .004       | .388 |
| A/S | Mãe | 71.30±9.719     | 73.89±7.627     | <b>.005</b> | 1<2                      | .011       | .806 |
|     | Pai | 67.69±12.544    | 71.48±10.105    | <b>.002</b> | 1<2                      | .013       | .872 |

Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

## Discussão

A exposição de crianças e jovens, a ambientes abusivos no contexto familiar, interfere com o desenvolvimento de empatia e de outras competências inerentes ao desenvolvimento do ser humano (Anastácio & Lima, 2017; Assunção & Matos, 2010).

Os estudos realizados no contexto português, acerca desta temática, ainda são reduzidos, assim sendo, este estudo procurou contribuir para a literatura existente

acerca da relação da exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia, bem como explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em função de variáveis sociodemográficas.

Abordando o tema da exposição a ambientes abusivos e de suporte, verificou-se que as dimensões abusivas (comportamento abusivo físico, comportamento abusivo emocional) associam-se negativamente com as dimensões de suporte (amor/suporte, promoção de independência, modelagem positiva), evidenciando que na presença dos fatores abusivos, os fatores de apoio são menores ou vice-versa. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que apontam para que práticas parentais negativas, associadas a atos de negligência e abusos, estão associadas a menores competências emocionais e sociais no decorrer da trajetória desenvolvimental de cada indivíduo (Schmidt et al., 2016). Segundo a literatura existente, destaca-se a transmissão intergeracional de práticas parentais e que historicamente, mãe e pai, aprendem a cuidar dos filhos considerando como modelo, sobretudo, os métodos adotados pelos seus próprios progenitores ou cuidadores (Schmidt et al., 2016). Embora não seja sempre linear, deve-se analisar caso a caso e interpretar de forma única e singular, pois nem sempre quem maltrata foi maltratado e vice-versa (Smith & Thornberry, 1995).

Ainda em resposta ao primeiro objetivo do estudo, referente à associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia, é possível verificar que o amor/suporte, a promoção de independência e a modelagem positiva encontram-se relacionados positivamente com a empatia cognitiva. Por outro lado, os comportamentos abusivos emocionais e comportamentos abusivos físicos, estabelecem relação positiva com a empatia afetiva. Este facto, pode ser explicado pela interpretação que cada sujeito realiza perante cada ambiente, sendo que a empatia cognitiva corresponde ao reconhecimento emocional e compreensão da subjetividade dos outros, e por outro lado, a empatia afetiva diz respeito à predisposição de cada um, para experienciar sentimentos de compaixão e bem-estar dos outros (Blair, 2005; Hoffman, 2000; Motta et al., 2006). O papel dos pais ou cuidadores, é determinante no desenvolvimento da empatia nas crianças/jovens, pois é através das suas interações, que as crianças aprendem a expressar, e interpretar emoções, influenciando o seu desenvolvimento emocional. É esperado que os cuidadores forneçam estímulos emocionais apropriados, reforçando e incentivando as demonstrações emocionais e respondendo às mudanças de expressão das crianças (Pires & Roazzi, 2016). Quando o contrário acontece, e estando na presença de comportamentos abusivos, a empatia de cada sujeito parece ser comprometida. Numa revisão sistemática

de Luke e Banerjee (2013), os participantes que foram expostos a ambientes abusivos, apresentaram desempenhos inferiores para diversos indicadores de compreensão social, nomeadamente, diferenças mais evidentes nas competências emocionais, competências de conhecimento emocional e compreensão emocional comparativamente com as competências de reconhecimento emocional, corroborando os resultados apresentados.

Relativamente à diferença entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia em função do sexo, verificou-se que a existência de comportamentos abusivos físicos, exercidos quer pelo pai como pela mãe, está mais presente no sexo masculino comparado com o sexo feminino, indo ao encontro de outros estudos (cf. Carvalho, Relva, & Fernandes, 2018). Parece existir, deste modo, um enfoque nos domínios da educação acabando por favorecer a emergência de trajetórias distintas em função do sexo. No sexo masculino para ser mais fácil normalizar-se o desvio, o insucesso e violência, em consequência da sua masculinidade «naturalmente» agressiva e disruptiva (Matos, Almeida, & Vieira, 2014). Este facto vai em sentido contrário com o papel socialmente estabelecido em relação à mulher/mãe, a quem é conferido o dever de cuidar e educar. Isto pode ser parcialmente explicado, pelo stress e sobrecarga diária decorrente do acumular de funções assumidas pela mulher na sociedade contemporânea, somando-se à responsabilidade pela educação dos filhos, e às exigências de fornecer as necessidades materiais do lar muitas vezes sozinha. Apesar de ser estabelecido à mulher o papel de cuidar e educar, as práticas parentais maternas serão marcadas também pelas diferenças de gênero. Ou seja, mesmo que sejam mais cuidadosas que os pais, essas práticas serão destinadas de forma diferentes entre filhos e filhas. Assim, uma mãe pode ser mais abusiva em relação ao filho do que à filha (Ferreira, Côrtes, & Gontijo, 2019). Outra diferença significativa encontrada refere-se ao facto do sexo feminino apresentarem níveis de empatia (cognitiva e afetiva) mais elevados, comparativamente com o sexo masculino, corroborando a literatura descrita anteriormente, em que é descrito existir um encorajamento para a demonstração das emoções no sexo feminino, e por outro lado, uma inibição emocional no sexo masculino (Eisenberg & Lennon, 1983; Schwenck et al., 2012; Van der Graff et al., 2013).

No que diz respeito às diferenças face à exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em função da idade, verificou-se que a existência de comportamentos abusivos emocionais e físicos, exercidos por ambos os pais, é menor no grupo da faixa etária entre os 12 e os 15 anos, comparativamente com os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos. No sentido oposto, constatou-se ainda que os

fatores de suporte, como por exemplo, o amor/suporte, a promoção de independência e a modelagem positiva, bem como a empatia afetiva e cognitiva, são maiores nos jovens dos 12 e os 15 anos, em comparação com a outra faixa etária, o que seria de esperar, já que os comportamentos abusivos são menores nesta faixa etária. Este facto pode ser explicado, pelo motivo de que no início da adolescência, existe uma relação de maior dependência em relação aos pais, sendo que esta relação sofre modificações posteriormente, quando se inicia o processo de crescente autonomia dos filhos, e a independência passa a ser a regra para um maior afastamento entre pais e filhos (Weber & Ton, 2011). O jovem adquire um maior grau de liberdade, não só na exploração do *self*, mas também no estabelecimento de novas relações de vinculação, nomeadamente a importância da relação com os pares (Jongenelen, Carvalho, Mendes, & Soares, 2007).

No que respeita às diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em função de ter ou não irmãos, verificaram-se apenas diferenças significativas nos fatores de suporte (amor/suporte). Deste modo, o amor/suporte, exercido tanto pelo pai como pela mãe, na perspetiva dos participantes, parece ser menor quando os jovens têm irmãos. Este facto vai ao encontro das investigações (Carvalho et al., 2018) realizadas no âmbito das relações fraternas, em que nos fornecem informação sobre a família, como sendo um lugar de aprendizagem, interação e um espaço para a vivência de relações afetivas profundas. Como em todas as relações familiares, o laço fraterno passará por diversas mudanças ao longo dos ciclos da vida, e na adolescência, os irmãos procuram-se, em especial, para conversar a respeito de questões sobre as quais têm dificuldade em falar com os progenitores, isto contribui para o aumento da cumplicidade entre os irmãos e reduz o amor/suporte dos pais (Alarcão 2000; Pereira & Arpini, 2017). Seguindo a mesma linha de pensamento, numa investigação de Poonam e Punia (2012), onde avaliaram o impacto dos fatores parentais e contextuais no tratamento diferenciado dos filhos ao nível do afeto, privilégios e disciplina, concluíram que os pais e as mães eram mais carinhosos com os irmãos mais novos das díades.

### ***Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros***

O presente estudo procurou analisar a relação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia numa amostra de adolescentes portugueses. Existem evidências empíricas que corroboram a importância da ausência de ambientes abusivos, o afeto familiar e a prática de competências parentais positivas, na emergência de traços

empáticos, contudo a literatura acerca desta temática é ainda escassa. Primeiramente destaca-se o carácter inovador da presente investigação, dada a escassez de estudos sobretudo nacionais, e internacionais (cf. Yu, Li, & Zhao, 2020) que abordem a associação entre as variáveis em estudo (comportamento abusivo emocional, comportamento abusivo físico, amor/suporte, promoção da independência, modelagem positiva, empatia cognitiva e empatia afetiva).

Ao longo do processo de investigação verificaram-se algumas limitações inerentes ao estudo. Inicialmente cabe ressaltar o facto de a presente investigação ser de carácter transversal, impossibilitando de estabelecer relações de causa e efeito entre as variáveis. O facto de o método de recolha ser através de questionários de autorrelato é outra limitação, uma vez que se verifica com mais facilidade a desejabilidade social que pode estar patente. Importa salientar também, a extensão do protocolo de investigação, que parece ser o principal fator responsável pela exclusão de *outliers*. E por último, destaca-se ainda o tamanho da amostra, pois não é representativa da população portuguesa.

Apesar de a pesquisa nesta área, nas últimas décadas, se ter vindo a afirmar, ao nível nacional os estudos são ainda incipientes, fornecendo uma visão pouco integrada das dinâmicas que estes fenómenos acarretam. Assim, em termos de pistas futuras, seria ideal optar pela realização de estudos longitudinais, para se obter novas informações e ser possível uma análise comparativa mais detalhada; seria pertinente aumentar o tamanho da amostra e alargar a faixa etária com o intuito de obter resultados mais significativos; analisar a perspetiva de mais um elemento da família; avaliar questões relacionadas com a violência a nível sexual e perceber qual o suporte a que estes jovens recorrem; compreender se a exposição a ambientes abusivos prediz o tipo de empatia, e por último perceber se o afeto familiar se relaciona com a empatia, mensurando outras variáveis demográficas e psicossociais. A inclusão da dimensão comportamento abusivo sexual do EASE-PI, poderá também revelar-se uma mais valia.

Com a realização desta investigação e mediante os resultados obtidos, enfatiza-se a importância de profissionais da área de saúde e educação, como forma efetiva para a redução dos casos de exposição a ambientes abusivos, para que possam ser tomadas medidas preventivas. De acordo com Azevedo e Maia (2006) a concretização de um programa de prevenção deverá ter por base, três níveis: a prevenção primária, a prevenção secundária e a prevenção terciária. A prevenção primária pretende evitar o aparecimento do problema através da sensibilização/informação à população em geral no sentido de

evitarem situações agressivas, promovendo uma cultura de não-violência e de melhores condições de vida, pretendendo atenuar o número de prevalência do abuso, desviando o seu surgimento e aumentando a qualidade de vida de uma criança e/ou jovem (Silva, 2010). A prevenção secundária procura despistar os fatores de risco associados ao mau trato infantil agindo diretamente sobre a criança e os progenitores e/ou cuidadores (Alberto, 2004). E por último, a prevenção terciária tem como objetivo impedir a ocorrência de novas situações de mau trato e intervir para ultrapassar e minorar as possíveis consequências na criança/jovem (Azevedo & Maia, 2006). Quando a prática de maus tratos infantis é continuada, pode-se utilizar outro tipo de estratégia para terminar com o abuso e proceder ao tratamento adequado às famílias, que vão desde psicoterapias individuais a terapias de grupo, com a finalidade de ajudar os progenitores a superarem e a controlarem os seus impulsos violentos, com o fim de adquirirem competências parentais adequadas (Silva, 2010). Alguns estudos (e.g., Leça et al., 2011; Magalhães, 2010) apontam ainda para a necessidade do tratamento da criança e jovem vítimas de maus-tratos, reforçando a sua autoestima, para além de uma abordagem extensiva à família, melhorando assim as interações familiares e as capacidades parentais dos progenitores. Neste tipo de prevenção de carácter terciário, as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens assumem um papel fundamental, sendo a entidade que procura prevenir e resolver situações de menores em que a sua integridade física, psíquica ou moral possa estar em risco. Segundo Montano (2010), estas instituições são fulcrais na nossa sociedade, uma vez que exercem um trabalho significativo na prevenção e intervenção de situações de risco de famílias sinalizadas, fundamentalmente pelo trabalho de cooperação entre os diversos membros da comunidade que as envolvem.

## Referências

- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alberto, I. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- Alberto, I. (2014). Maus-tratos e negligência de crianças: Modelos e formatos de intervenção. In M. Matos, *Vítimas de crime e violência: Práticas de intervenção* (pp. 13-26). Braga: Psiquilíbrios.
- Anastácio, S., & Lima, L. N. (2017). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Congresso Internacional de Psicologia da Criança e do Adolescente, 5*, 23-23. Universidade de Coimbra.
- Assunção, R., & Matos, P. (2010). A vinculação parental e amorosa em adolescentes: O papel da competência interpessoal e da tomada de perspetiva. In *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1574-1588). Universidade do Minho, Portugal: repositório online.
- Azevedo, M., & Maia, A. (2006). *Maus tratos à criança* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Beyers, J. M., & Loeber, R. (2003). Untangling developmental relations between depressed mood and delinquency in male adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology, 31*(3), 247-266. <http://doi.org/10.1023/A:1023225428957>
- Blair, R. J. R. (2005). Responding to the emotions of others: Dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations. *Conscientiousness and Cognition, 14*(4), 698-718. <http://doi.org/10.1016/j.concog.2005.06.004>
- Burge, P. (2007). Prevalence of mental disorders and associated services variables among Ontario children who are permanent wards. *Canadian Journal of Psychiatry, 52*, 305-314. <http://doi.org/10.1177/070674370705200505>
- Carvalho, J. L. D., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise Psicológica, 36*(1), 61-73. <http://doi.org/10.14417/ap.1354>
- Cohen, J. (1988). Set correlation and contingency tables. *Applied Psychological Measurement, 12*(4), 425-434. <http://doi.org/10.1177/014662168801200410>
- Comodo, C. N., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Intergeracionalidade das habilidades sociais entre pais e filhos adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 33*, 1-9. <http://doi.org/10.1590/0102.3772e33311>
- Crick, N. R. (1996). The role of overt aggression, relational aggression, and prosocial behavior in the prediction of children's future social adjustment. *Child Development, 67*, 2317-2327. <http://doi.org/10.2307/1131625>
- Dunn, J. (2007). Siblings and socialization. In J. Grusec & P. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 309-327). New York: The Guilford Press.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: Definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde, 2*(2), 6-7. Retrieved from [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)
- Eisenberg, N., & Lennon, R. (1983). Sex differences in empathy and related capacities. *Psychological Bulletin, 94*(1), 100-131. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.94.1.100>
- Eisenberg, N., Guthrie, I. K., Murphy, B. C., Shepard, S. A., Cumberland, A., & Carlo, G. (1999). Consistency and development of prosocial dispositions: A longitudinal study. *Child Development, 70*, 1360-1372. <http://doi.org/10.1111/1467-8624.00100>

- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 20, 297-304.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300001>
- Fernandes, L. D. M., Leme, V. B. R., Elias, L. C. D. S., & Soares, A. B. (2018). Preditores do desempenho escolar ao final do ensino fundamental: Histórico de reprovação, habilidades sociais e apoio social. *Temas em Psicologia*, 26(1), 215-228. <http://doi.org/10.9788/TP2018.1-09Pt>
- Feshbach, N. (1987). Parental empathy and child adjustment/maladjustment. In N. Eisenberg, & J. Strayer (Eds.), *Empathy and its development* (pp. 271-291). New York: Cambridge University Press.
- Ferreira, C. L. S., Côrtes, M. C. J. W., & Gontijo, E. D. (2019). Promoção dos direitos da criança e prevenção de maus tratos infantis. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 3997-4008. <http://doi.org/10.1590/1413-812320182411.04352018>
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. London: Sage Publications.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771-787.  
<http://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000031>
- Goldstein, A. P., & Michaels, G. Y. (1985). *Empathy: Development, training, and consequences*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Herba, C. M., Landau, S., Russel, T., Ecker, C., & Philips, M. L. (2006). The development of emotion-processing in children: Effects of age, emotion, and intensity. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(11), 1098-1106.  
<http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2006.01652>
- Hoffman, M. L. (1987). The contribution of empathy to justice and moral judgment. In N. Eisenberg, & J. Strayer (Eds.), *Empathy and its development* (pp. 47-80). New York: Cambridge University Press.
- Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. NY: Cambridge University Press.
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2007). Vinculação na adolescência. In I. Soares, *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 99-120). Braga: Psiquilíbrios.
- Klimes-Dougan, B., & Kistner, J. (1990). Physically abused preschooler's response to peers' distress. *Development Psychology*, 26, 599-602.  
<http://doi.org/10.1037/0012-1649.26.4.599>
- Lam, C. B., Solmeyer, A. R., & McHale, S. M. (2012). Sibling relationships and empathy across the transition to adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, 1657-1670. <http://doi.org/10.1007/s10964-012-9781-8>
- Leça, A., et al. (2011). *Maus Tratos em crianças e jovens, guia prático de abordagem, diagnóstico e intervenção*. Lisboa: Direção Geral da Saúde [Em linha] Disponível em «[https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/ficheiros-externos/doc-guia\\_maus-tratos\\_2-marco-2011-12h-pdf.aspx](https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/ficheiros-externos/doc-guia_maus-tratos_2-marco-2011-12h-pdf.aspx)» [Acedido em: 21/11/2019].
- Luke, N., & Banerjee, R. (2013). Differentiated associations between childhood maltreatment experiences and social understanding: A meta-analysis and systematic review. *Developmental Review*, 33(1), 1-28.  
<http://doi.org/10.1016/j.dr.2012.10.001>
- Magalhães, T. (2002). *Maus-tratos em crianças e jovens: Guia prático para profissionais*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Magalhães, T. (2010). *Abuso de crianças e jovens: Da suspeita ao diagnóstico*. Porto: Lidel.
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P.C.O., Silva, I. M., Lopes, R. C., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 123-132. <http://doi.org/10.1590/s0102-37722013000200001>
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Marôco, J. (2014). *Análise das equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Portugal: ReportNumber.
- Martins, R. P. M. P., Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Manfroi, E. C., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2017). Práticas parentais: Associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia Argumento*, 32(78), 89-100. <http://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.078.A004>
- Matos, R., Almeida, T., & Vieira, A. (2014). Questões de Género em Gangues juvenis em Portugal. Perspetivas de atores que intervêm no fenómeno. In V. Duarte & M. I. Cunha (Eds.), *Violências e delinquências juvenis femininas: Género e (in)visibilidades sociais* (pp.115-140). Famalicão: Editora Húmus.
- Michalska, K. J., Kinzler, K. D., & Decety, J. (2013). Age-related sex differences in explicit measures of empathy do not predict brain responses across childhood and adolescence. *Developmental Cognitive Neuroscience*, 3, 22-32. <http://doi.org/10.1016/j.dcn.2012.08.001>
- Mondin, E. M. C. (2017). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244. Retrieved from <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19885>
- Montano, T. (2010). *Promoção e proteção dos direitos das crianças: Guia de orientações para os profissionais da educação na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo*. Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. [Em linha] Disponível em: <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?03.0>. [Consultado em 03/12/2019].
- Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark, C., & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 523-532. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19885/19187>
- Nicholas, K., & Bieber, S. (1997). Assessment of perceived parenting behaviors: The Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory (EASE-PI). *Journal of Family Violence*, 12(3), 275-291. <http://doi.org/10.1023/A:1022848820975>
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual*. Berkshire: Allen & Unwin.
- Pereira, C. R. R., & Arpini, D. M. (2017). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia Argumento*, 30(69), 275-285. <http://doi.org/10.7213/psicolargum.v30i69.23283>
- Pechorro, P., Ray, J. V., Salas-Wright, C. P., Marôco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). Adaptation of the basic empathy scale among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law*, 21(7), 699-714. <http://doi.org/10.1080/1068316X.2015.1028546>

- Pires, M. F., & Roazzi, A. (2016). Empatia e sua avaliação: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Amazônica*, 17(1), 158-172.
- Pooman, P., & Punia, S. (2012). Impact of parental and contextual facts on differential treatment of siblings in the families. *Studies on Home and Community Science*, 6(2), 107-112.  
<http://doi.org/10.1080/09737189.2012.11885375>
- Relva, I., Fernandes, O. M., & Mota, C. (2012). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5, 46-62.  
<http://doi.org/10.1108/17596591311290740>
- Schmidt, B., Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2016). Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: Uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 9, 2-18. <http://doi.org/10.4013/ctc.2016.91.01>
- Schwenck, C., et al. (2012). Empathy in children with autism and conduct disorder: Group-specific profiles and developmental aspects. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 53(6), 651-659. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2011.02499>
- Silva, S. (2010). *Arte de educar* (Unpublished doctoral dissertation). Universidade do Minho, Braga.
- Smith, C., & Thornberry, T. P. (1995). The relationship between childhood maltreatment and adolescent involvement in delinquency. *Criminology*, 34(4), 451-481. <http://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1995.tb01186>
- Strayer, J. (1992). Perspectivas afectivas y cognitivas sobre la empatia. En N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.). *La empatia y su desarrollo* (pp. 241-270). Bilbao: Desclée de Brower.
- Thompson, R. A. (1992). Empatía y comprensión emocional: El desarrollo temprano de la empatía. En N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.). *La empatía y su desarrollo* (pp. 133-161). Bilbao: Desclée de Brower.
- Van der Graff, J., Branje, S., DeWeid, M., Hawk, S., VanLier, P. & Meeus, W. (2013). Perspective taking and empathic concern in adolescence: Gender differences in developmental changes. *Developmental Psychology*, 50(3).  
<http://doi.org/10.1037/a0034325>
- Williams, L. M., Mathersul, D., Palmer, D. M., Gur, R. C., Gur, R. E., & Gordon, E. (2009). Explicit identification and implicit recognition of facial emotions: I. Age effects in males and females across 10 decades. *Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology*, 31, 257-277.  
<http://doi.org/10.1080/13803390802255635>
- Warden, D., & Mackinnon, S. (2003). Prosocial children, bullies and victims: An investigation of their sociometric status, empathy and social problem-solving strategies. *British Journal of Developmental Psychology*, 21, 376-385.  
<http://doi.org/10.1348/026151003322277757>
- Weber, L. N. D., & Ton, C. (2011). Maternal practices and social skills of Brazilian Youngsters. *International Journal of Development and Educational Psychology*, 1(1), 399-408.
- Yu, G., Li, S., & Zhao, F. (2020). Childhood maltreatment and prosocial behavior among Chinese adolescents: Roles of empathy and gratitude. *Child Abuse & Neglect*, 101, 104319. <http://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104319>

Received: 2020-02-11

Accepted: 2020-06-12